

Título original: *La Belle Sauvage — The Book of Dust 1*
Autor: *Philip Pullman*
Texto copyright © Philip Pullman, 2017
Capa e ilustrações de capítulos © Chris Wormell, 2017
Lettering do autor na capa: *Jim Tierney*
Design da capa: *Tom Sanderson*
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018
Tradução: *Rosário Monteiro*
Revisão: *Paula Caetano* e *Carlos Jesus*/Editorial Presença
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
Depósito legal n.º 434 064/17
1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2018

Os editores agradecem a David Higham Associates Ltd. a autorização para citar o poema «Snow», de Louis MacNeice, incluído na obra *Collected Poems*, publicada por Faber & Faber

A tradutora não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A sua aplicação, após a entrega da tradução, deve-se à política da Editorial Presença para os livros destinados ao público juvenil

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

ÍNDICE

PARTE UM: A TRUTA

Um: A Sala Terraço	15
Dois: A Bolota	27
Três: Lyra	44
Quatro: Uppsala	54
Cinco: A Académica	69
Seis: Pregos de Vidraceiro	84
Sete: Demasiado Cedo	99
Oito: A Liga de Santo Alexander	107
Nove: Sentido Inverso	114
Dez: Lorde Asriel	128
Onze: Proteção Ambiental	145
Doze: Alice Fala	162
Treze: O Aletiómetro de Bolonha	180
Catorze: Senhora com Macaco	196
Quinze: A Cabana dos Vasos	211

PARTE DOIS: A INUNDAÇÃO

Dezasseis: A Farmácia	227
Dezassete: A Torre dos Peregrinos	254
Dezoito: O Lorde Assassino	262
Dezanove: O Caçador Furtivo	278
Vinte: As Irmãs da Santa Obediência	294
Vinte e Um: A Ilha Encantada	317
Vinte e Dois: Resina	332
Vinte e Três: Vetustez	352
Vinte e Quatro: O Mausoléu	360
Vinte e Cinco: Uma Viagem Tranquila	374

PARTE UM

A TRUTA



1

A SALA TERRAÇO

No rio Tamisa, três milhas acima do centro de Oxford, a alguma distância do local onde os magníficos colégios Jordan, Gabriel, Balliol e duas dúzias de outros competiam pela supremacia nas corridas de barcos, onde a cidade era apenas uma coleção de torres e pináculos distantes acima dos níveis brumosos de Port Meadow, aí se erguia o priorado de Godstow, onde gentis freiras se dedicavam às suas tarefas sagradas.

Na margem oposta ao priorado havia uma estalagem chamada Truta, um edifício antigo de pedra irregular, um lugar confortável. Tinha um terraço sobre o rio, onde pavões (um chamado Norman e o outro Barry) passeavam majestosamente por entre os clientes, servindo-se, sem hesitação, de restos e, ocasionalmente, erguendo a cabeça para lançar gritos ferozes e sem significado. Havia um salão com um bar onde a nobreza, se os Acadêmicos podem ser considerados nobres, bebia cerveja e fumava cachimbo. Havia um bar público onde barqueiros e trabalhadores do campo se sentavam junto da lareira, jogavam dardos, ou permaneciam junto do bar conversando, discutindo, ou simplesmente embebedando-se em silêncio. Havia uma cozinha onde, todos os dias, a mulher do estalajadeiro assava um enorme naco de carne, com um conjunto complexo

de rodas e correntes que faziam o espeto girar sobre uma fogueira aberta. E havia um ajudante chamado Malcolm Polstead.

Malcolm era o filho do estalajadeiro, filho único. Tinha onze anos, um temperamento atencioso e inquisitivo, uma compleição encorpada e cabelo ruivo. Frequentava a Escola Básica de Ulvercote, a cerca de mil e quinhentos metros de distância, tinha amigos suficientes, mas sentia-se mais feliz quando brincava sozinho com o seu génio, Asta, na canoa que tinha por nome *La Belle Sauvage*. Um rapazola seu conhecido, convencido de que era engraçado, pensou que seria divertido desenhar um S sobre o V; Malcolm, pacientemente, por três vezes apagou o S, antes de perder as estribeiras e atirar o palerma ao rio. Nesse momento, ambos declararam tréguas¹.

Como qualquer filho de estalajadeiro, Malcolm tinha de trabalhar no bar, lavar loiça, servir os pratos com comida e as canecas de cerveja, recolhendo-os quando estivessem vazios. Para ele, este trabalho era natural. A única contrariedade na sua vida era uma rapariga chamada Alice, que ajudava a lavar a loiça. Tinha quinze anos, era alta e magra, com cabelo negro liso que penteava para trás e prendia num rabo de cavalo deselegante. Na testa e em volta da boca formavam-se já rugas de insatisfação consigo mesma. Implicara com Malcolm desde o primeiro dia em que chegara:

— Quem é a tua namorada, Malcolm? Nã tens namorada? Com quem saístes ontem à noite? Beijaste-a? Nunca foste beijado?

Malcolm ignorou-a durante muito tempo mas, por fim, Asta saltou sobre o génio de Alice, uma gralha escanzelada, lançando-a para a água de lavar pratos, bicando e bicando a criatura ensopada até que Alice gritou, pedindo piedade. Depois, queixou-se amargamente à mãe de Malcolm, que retorquiu:

— Bem feito. Não me mereces qualquer simpatia. Guarda os pensamentos mal-intencionados para ti mesma.

Daí em diante, ela assim fez, ambos se ignorando mutuamente. Ele colocava os copos no corredor da loiça, ela lavava-os, ele secava-os e levava-os de volta para o bar, sem uma palavra, sem um olhar, sem um pensamento.

Malcolm gostava da vida na estalagem. Gostava particularmente das conversas que escutava, quer fossem sobre a canalhice venal do Conselho

¹ Trata-se de um jogo de palavras que não pode ser reproduzido em português: ao substituir o V pelo S, a palavra *sauvage*, termo francês que significa selvagem, passa a ser *sausage*, que significa, em inglês, salsicha. (NT)

do Rio, sobre a idiotice impotente do governo, ou questões mais filosóficas do género se as estrelas têm ou não a mesma idade da Terra.

Por vezes, Malcolm ficava tão interessado neste último género de conversas que poisava os braços carregados de copos vazios sobre a mesa e participava, mas apenas depois de ter escutado atentamente. Era conhecido de muitos dos Académicos, bem como de outros visitantes, e generosamente gratificado, mas ficar rico nunca foi uma ambição; considerava as gorjetas como uma generosidade da Providência, e acabou por se achar felizado, o que não o prejudicou mais tarde na sua vida. Se tivesse sido o tipo de rapaz a que se desse uma alcunha seria conhecido, certamente, por «Professor», mas não era esse tipo de rapaz. Gostavam dele, quando reparavam na sua presença, o que não acontecia com frequência, e também isso não o prejudicou.

A outra clientela de Malcolm ficava mesmo do outro lado da ponte, em frente da estalagem, nos edifícios de pedra cinzenta rodeados por campos verdejantes, belos pomares e as hortas da cozinha do priorado de Santa Rosamund. As freiras eram em grande medida autossuficientes, cultivando os seus vegetais e frutos, mantendo as colmeias, cosendo os elegantes paramentos que vendiam a troco de ouro intensamente negociado. Mas, ocasionalmente, havia recados que um rapaz eficiente podia fazer: uma escada a necessitar de reparação, sob a supervisão do Sr. Taphouse, o carpinteiro idoso; ou peixe para trazer de Medley Ponds, um pouco mais abaixo na margem do rio. *La Belle Sauvage* era frequentemente requisitada para o serviço das bondosas freiras. Mais de uma vez, Malcolm transportara a irmã Benedicta rio abaixo, até à estação de zepelins do Correio Real, com um pacote precioso de estolas, de capas de asperges ou de casulas destinadas ao bispo de Londres, que, aparentemente, dava uso intenso aos seus paramentos, pois gastava-os de forma invulgarmente rápida. Malcolm aprendeu imenso nestas viagens tranquilas.

— Como *fazeu* embrulhos tão hábeis, irmã Benedicta? — perguntou, um dia.

— Como *fez* os embrulhos — emendou a irmã Benedicta.

— Como fez embrulhos tão hábeis?

— Elegantes, Malcolm.

Ele não se importou. Era uma espécie de jogo só deles.

— Pensava que «habilmente» estava certo — retorquiu Malcolm.

— Depende de se queres transmitir a ideia de habilidade quanto ao ato de atar o embrulho ou se queres referir-te a como ficou o embrulho depois de atado.

— Não é isso que quero saber — retorquiu Malcolm. — Só quero mesmo saber como *faz-os...* como os faz.

— Da próxima vez que tiver um embrulho para fazer, prometo que te ensino — respondeu a irmã Benedicta, e cumpriu a promessa.

Malcolm admirava as freiras pelo seu comportamento em geral simples e elegante; pela forma como plantavam em espaldeira as árvores de fruto ao longo da parede ensolarada do pomar, pelo encanto com que as suas vozes suaves se combinavam cantando os ofícios da Igreja, pelas pequenas delicadezas que praticavam, aqui e ali, para com tantas pessoas. Apreciava conversar com elas sobre assuntos religiosos.

— Na Bíblia — comentou ele, um dia, enquanto ajudava a idosa irmã Fenella na cozinha grandiosa —, sabe que diz que Deus criou o mundo em seis dias?

— Exatamente — retorquiu a irmã Fenella, misturando a massa.

— Então, como é possível que haja fósseis e coisas que têm milhões de anos?

— Ah, sabes, os dias eram então muito mais longos — explicou a bondosa irmã. — Já cortaste aquele ruibarbo? Olha que ainda acabo antes de ti.

— Porque é que usamos esta faca para os ruibarbos, em vez de uma das velhas? As mais velhas estão mais afiadas.

— Por causa do ácido de oxálico — explicou a irmã Fenella, pressionando a massa dentro de uma forma de estanho. — O aço inoxidável é melhor para cortar ruibarbo. Agora, passa-me o açúcar.

— Ácido oxálico — repetiu Malcolm, que gostava tanto de palavras. — O que é uma casula, irmã?

— É uma espécie de paramento. Os padres usam-nas sobre as alvas.

— Porque é que não costura como as outras irmãs?

O esquilo-génio da irmã Fenella, sentado nas costas de uma cadeira próxima, soltou um resignado *tschuk-tschuk*.

— Cada uma faz aquilo em que é melhor — retorquiu a freira. — Nunca fui muito boa a bordar... Olha para os meus dedos grandes e grossos!... Porém, as outras irmãs acham que a massa que eu faço é boa.

— Eu gosto da sua massa — disse Malcolm.

— Obrigada, querido.

— É quase tão boa quanto a da minha mãe. A dela é mais grossa do que a sua. Suponho que a irmã a estenda com mais força.

— Possivelmente, sim.

Nada era desperdiçado na cozinha do priorado. Os pequenos pedaços de massa que sobravam depois de a irmã Fenella aparar as tartes de ruibarbo eram moldados em forma de cruces toscas, ou ramos de palmeira, ou peixes, rolados sobre algumas passas, polvilhados com um pouco de açúcar e cozinhados separadamente. Cada uma daquelas formas tinha um significado religioso, mas a irmã Fenella («Os meus dedos grandes e grossos!») não tinha muito jeito e no fim era difícil distinguir uma forma da outra. Malcolm tinha mais jeito, mas primeiro tinha de lavar meticulosamente as mãos.

— Quem é que os come, irmã? — perguntou.

— Oh, alguém acaba sempre por os comer. Por vezes, um visitante gosta de mordiscar qualquer coisa a acompanhar o chá.

O priorado, situado como estava no ponto onde a estrada atravessava o rio, era popular entre todo o tipo de viajantes e as freiras recebiam frequentemente hóspedes que permaneciam alguns dias. O mesmo acontecia com a Truta, é claro. Havia habitualmente dois ou três clientes que pernoitavam na estalagem e a quem Malcolm servia o pequeno-almoço. Eram normalmente pescadores ou comerciais, como o pai lhes chamava: vendedores de tabaco em folha, ou ferragens, ou alfaias agrícolas. Os visitantes do priorado eram pessoas de classes sociais mais altas: lordes e damas importantes, por vezes bispos ou clérigos menores. Pessoas com estatuto, mas que, por não terem ligações com nenhum dos colégios da cidade, não podiam esperar aí receber hospitalidade. Uma vez, houve uma princesa que ficou durante seis semanas, mas Malcolm apenas a viu duas vezes. Tinha sido enviada para lá de castigo. O génio dela era uma doninha que guinchava a toda a gente.

Malcolm também dava uma ajuda quando vinham estes visitantes; tratava-lhes dos cavalos, limpava-lhes as botas, levava mensagens deles e, ocasionalmente, recebia uma gorjeta. Todo o dinheiro que ganhava assim acabava dentro de uma morsa de estanho que guardava no quarto. Pressionava-lhe a cauda, a morsa abria a boca e ele colocava a moeda entre as duas presas, uma das quais se partira, um dia, e tivera de ser colada. Malcolm não sabia quanto dinheiro tinha, mas a morsa estava pesada. Pensava que um dia, quando tivesse dinheiro suficiente, poderia comprar uma pistola, mas provavelmente o pai não concordaria, pelo que seria algo por que teria de esperar. Entretanto, familiarizou-se com os costumes dos viajantes, quer dos habituais quer dos ocasionais.

Talvez não houvesse qualquer outro lugar, pensou, onde se pudesse aprender tanto sobre o mundo como naquela pequena curva do rio,

com a estalagem de um lado e o priorado do outro. Imaginou que, quando fosse adulto, ajudaria o seu pai no bar e depois assumiria o governo da estalagem quando os pais fossem já demasiado idosos para continuarem. Tal perspectiva deixava-o razoavelmente feliz. Seria muito melhor dirigir a Truta do que muitas das outras estalagens, porque o grande mundo continuaria a passar por ela e era frequente aparecerem Académicos e pessoas influentes com quem conversar. Mas, se pudesse, o que ele gostaria mesmo de fazer não era nada disso. Gostaria de ser um Académico, talvez um astrónomo ou um teólogo experimental, fazendo grandes descobertas sobre a natureza mais profunda das coisas. Ser um aprendiz de filósofo, isso sim, seria excelente. Mas era muito improvável tal acontecer. A Escola Básica de Ulvercote preparava os alunos para serem artesãos ou escrivães, na melhor das hipóteses, antes de os enviar para o mundo aos catorze anos, e tanto quanto Malcolm sabia, não havia bolsas de estudo para um jovem inteligente proprietário de uma canoa.

* * *

Certo dia, ia o inverno a meio, chegaram à Truta uns viajantes diferentes dos habituais. Três homens chegaram num carro ambárico e dirigiram-se imediatamente para a Sala Terraço, que era a sala de refeições mais pequena de todas as salas da estalagem. A divisão dava para o terraço e permitia a visão do rio e do priorado, mais adiante. Ficava ao fundo do corredor e não era muito frequentada, nem no inverno nem no verão, porque as janelas eram pequenas, e não tinha uma porta de acesso ao terraço, apesar do que o nome sugeria.

Malcolm tinha terminado o seu escasso trabalho de casa (geometria) e devorava um prato de carne assada acompanhada de pudim de Yorkshire, seguido de uma maçã assada coberta de creme, quando o pai o chamou para o bar.

— Vai ver o que querem aqueles senhores na Sala Terraço — disse. — Provavelmente são estrangeiros e não sabem que as bebidas se pedem no balcão. Devem querer ser atendidos pessoalmente, parece-me.

Agradado com a novidade, Malcolm dirigiu-se para a pequena sala e encontrou os três senhores (percebeu o seu estatuto apenas com um olhar de relance), todos de pé junto da janela, inclinados para a frente, olhando para o exterior.

— Em que posso servi-los, senhores? — perguntou.

Viraram-se de imediato. Dois pediram clarete e o terceiro queria rum. Quando Malcolm regressou com as bebidas, perguntaram se podiam jantar ali e, se pudessem, o que é que a estalagem tinha na ementa.

— Carne assada, senhor, e está muito boa. Sei porque acabei de comer há pouco.

— Ah, *le patron mange ici*, hã? — exclamou o homem mais velho, enquanto puxavam as cadeiras para junto da pequena mesa. O seu génio, um elegante lémure fêmea preto e branco, sentou-se calmamente sobre o seu ombro.

— Eu vivo aqui, senhor, o proprietário é o meu pai — respondeu Malcolm. — E a minha mãe é a cozinheira.

— Como te chamas? — perguntou o visitante mais alto e mais magro, um indivíduo com aparência de Académico, cabelo crespo e grisalho, e cujo génio era um verdelhão fêmea.

— Malcolm Polstead, senhor.

— Que lugar é aquele, do outro lado do rio, Malcolm? — perguntou o terceiro, um homem com grandes olhos negros e um bigode preto. O seu génio, fosse ele o que fosse, jazia enroscado no chão junto dos pés do homem.

Já escurecera, naturalmente, e tudo o que conseguiam ver do outro lado do rio eram as janelas de vidro do oratório fracamente iluminadas, bem como a luz que brilhava sobre o edifício da portaria.

— É o priorado, senhor. As Irmãs da Ordem de Santa Rosamund.

— E quem foi Santa Rosamund?

— Nunca lhes fiz perguntas sobre Santa Rosamund. Mas há uma imagem dela no vitral, dá ideia de que está de pé sobre uma rosa enorme. Suspeito que o nome dela derive disso. Terei de perguntar à irmã Benedicta.

— Ah, então, tu conhece-las bem?

— Falo com elas quase todos os dias. Faço trabalhos ocasionais no priorado, levo recados, esse tipo de coisas.

— E essas freiras costumam receber visitantes? — perguntou o homem mais velho.

— Sim, senhor. Muitas vezes. Todo o tipo de pessoas. Senhor, não quero ser inconveniente, mas está sempre tanto frio nesta sala. Que-reis que acenda a lareira? A não ser que preferis ir para o salão. Lá está quente e é mais agradável.

— Não, ficamos aqui, obrigado, Malcolm, mas agradecíamos que acendesses a lareira. Fá-lo, por favor.